

Faturação da Biocon atinge 200 milhões USD

Resultado deste ano reflecte o investimento em tecnologia para o aumento da produção P31



Brunch with... Irmala Souza

A história de uma mulher de coragem que abraçou o projecto Belas Shopping. P28



Primeira gala de golfe solidário em Luanda

Premiados e diversas personalidades e instituições distinguidas no evento. P22



Mercado

WWW.MERCADO.CO.AO

FINANCE AND ECONOMY

15.12

Director: **Aylton Melo**
Sexta-feira 15 de Dezembro de 2017

Ano 3 Número 134
Periodicidade: **Semanal**
Preço: **500 Kz**

ANÁLISE

Crédito dos 4 maiores bancos em queda

Carteira de crédito de Atlântico, BIC, BFA e BAI recuou quase 20% no terceiro trimestre, face ao homólogo. Banca continua a ceder pouco crédito à economia.

OGE 2018

Governo prevê crescimento de 4,9%

Avanço de 6,1% no sector de petróleo e gás e de 4,4% no sector não-petrolífero sustentam previsão optimista. P12

ATÉ NOVEMBRO

Venda de divisas do BNA aumenta 30%

Banco central disponibilizou cerca de 10,3 mil milhões EUR aos bancos comerciais nos primeiros 11 meses do ano. P8

PETRÓLEO



Barril de petróleo com perdas de 1,46%

Brent para entrega em Fevereiro fechou em 6,41 USD, quarta-feira. P4

BOLSA



PSI 20 recua 0,27%, com 11 cotadas a cair

Bolsa de Lisboa fechou a cair, alinhada com a Europa. P4



GRANDE ENTREVISTA

“É preciso uma mudança de mentalidade”

Lourenço Prado Valladares, CEO da promotora imobiliária brasileira, explica como a empresa lidou com a crise, para dar a volta por cima. P16



Fazer Operações Bancárias através do Telemóvel?

ATLANTICO
Valores para vida.

#EuPosso

DIRECTO
923 168 168

Visite-nos no Facebook

BANCO HELLÉNICO ATLANTICO

Opinião

Petroyuan

Rui Amendoeira

Advogado e especialista em assuntos petrolíferos

Tenho na minha carteira uma nota de 100 USD. Instintivamente, sei que este rectângulo de papel de cor verde tem valor, por isso, guardo-o com cuidado, não o exibo, salvo quando for necessário, e asseguro-me de que não é perdido nem furtado. Mas porque é que este pedaço de papel tem valor? O valor intrínseco do papel é (quase) nulo, não existe nenhuma especial beleza artística nas imagens que figuram na nota, nem a nota é rara, nem antiga. Normalmente, o papel que tenho na carteira não valeria nada, não fosse o caso de conter uma promessa efectuada por um Estado, sendo esse Estado o mais poderoso do mundo. Os Estados Unidos garantem-me que a nota tem o valor de 100 unidades da moeda (o dólar) que tem livre curso no país, e eu acredito nesta garantia. Como acreditam milhares de milhões de pessoas nos Estados Unidos e em todo o mundo. E, porque todos acreditamos nessa garantia, aceitamos utilizar a moeda em causa para medir e estabelecer o valor dos bens e serviços que transaccionamos. E, assim, aceitamos receber um pedaço de papel que o governo dos Estados Unidos garante valer 100 USD, em troca de um

A China ambicionará instituir um índice em yuan que concorra com o WTI e o Brent

objecto que vendemos ou um serviço que prestamos. O dinheiro é uma construção mental abstracta e representa o mais importante sistema de confiança colectiva inventado pelo Homem. Cada pessoa confia no conceito abstracto do dinheiro apenas e só porque as outras pessoas também confiam. Sem confiança, não há dinheiro nem moeda. Sendo esta a natureza do dinheiro, é certo que o país que conseguir impor a sua moeda como padrão internacional adquire uma vantagem considerável. Desde o fim da II Guerra Mundial, esse país é os Estados Unidos e a moeda é o dólar. Os Estados Unidos garantem o valor do instrumento de medida (dólar) que permite a concretização de uma parte considerável das transacções realizadas na economia mundial. Quando o fabricante de automóveis alemão vende uma viatura a um importador indiano, e essa venda é realizada em dólares, os EUA actuam, implicitamente, como possibilitadores da transacção ao garantirem o valor da respectiva moeda. Esse papel de medida e garantia das transacções internacionais confere aos EUA um poder extraordinário, que em muito contribui para o sucesso da economia norte-americana nas últimas décadas. A procura e acumulação constante de dólares permite que os Estados Unidos se financiem com maior facilidade do que qualquer outro país. Uma empresa americana poder transaccionar em dólares é como uma equipa de futebol poder jogar sempre em casa.

Para o predomínio do dólar, muito tem contribuído o facto de esta ser a moeda de referência das transacções no mercado petrolífero. Todos os dias, transaccionam-se em todo o mundo milhares de milhões de dólares de crude, gás natural, produtos petrolíferos, entre vendedores e compradores de todas as geografias. A Arábia Saudita vende petróleo à China, que paga em dólares. Repare-se: o petróleo é extraído na Arábia Saudita, o vendedor é uma empresa saudita, o comprador é chinês, o transportador pode ser uma empresa europeia, o petróleo circula do Médio Oriente para a Ásia, sem que a transacção tenha qualquer conexão com os EUA, salvo o facto de este país fornecer a moeda que permite que a operação se concretize.

Ora, a China está a dar passos para enfraquecer o domínio do dólar nos mercados petrolíferos e promover a sua própria moeda, o yuan. Está em curso um plano para lançar à negociação, na bolsa de Xangai, o primeiro contrato de futuros de crude denominado em yuan.

Aprazo, a China terá a ambição de instituir um índice petrolífero em yuan que possa concorrer com o WTI e o Brent. Sendo actualmente o maior importador de petróleo do mundo (como Angola bem sabe), a posição da China é especialmente forte. Porque é que o maior consumidor de petróleo não há-de ser responsável pela moeda mais utilizada na compra e venda desse petróleo? Porque é que os xeques da Arábia Saudita não hão-de receber yuans pelo seu petróleo, pensarão os chineses? Sendo que os chineses não estão sozinhos neste pensamento disruptivo. Putin já fez saber que não se importava de destronar o dólar como moeda de referência em geral e no mercado petrolífero em especial. E a Venezuela já publica o preço do seu petróleo em yuan para pôr fim à ‘tirania do dólar’.

A ascensão da moeda chinesa nas transacções petrolíferas, e a diminuição do peso do dólar, seria (será?) um fenómeno de consequências económicas e políticas profundas. O aumento da procura e circulação de uma moeda tem um impacto directo na economia do país que emite essa moeda. Se os Estados, bancos centrais, empresas e investidores tiverem mais liquidez em yuan, irão reciclar esse dinheiro na economia chinesa, gerando mais actividade, expandindo o mercado e baixando os custos de financiamento das empresas e do Estado chinês. Movimento inverso seria de esperar nos Estados Unidos. A política de ‘dinheiro barato’ promovida pela Reserva Federal americana nos últimos anos, e a capacidade de os Estados Unidos se endividarem quase sem limite, depende da manutenção do *status quo* do dólar enquanto moeda mais abundante no balanço das empresas e dos Estados. Também a política geoestratégica assenta no predomínio do dólar: como é que os Estados Unidos conseguirão impor sanções a outros países através do sistema financeiro, se o dólar deixar de ser a moeda de referência internacional?

A substituição do dólar pelo yuan no mercado petrolífero será um processo difícil, longo e, há quem entenda, em última instância, fora do alcance da China. Os mercados gostam de transparência, previsibilidade e liquidez, e o yuan não é ainda uma moeda plenamente convertível, além do risco de manipulação pelo Estado centralizado chinês. A história está repleta de ‘grandes desígnios’ promovidos por Estados centralizados que chocaram contra o realismo dos mercados e dos agentes económicos. A ver vamos.

Quem sabe se, um dia, o barril de petróleo volta aos 150, 200 ou até 400... yuan. **M**

